

# **Entrevista ao novo sacerdote português**

O Pe. Gabriel Amandi foi ordenado no passado dia 22 de Maio pelo Prelado do Opus Dei. Apresentamos uma entrevista ao novo sacerdote.

29/05/2004

**Recebeu a ordenação sacerdotal depois de ter sido, durante 14 anos, professor de Português, Literatura Portuguesa e Latim no ensino secundário. Como chegou a uma decisão dessas?**

A minha vocação começou na minha família – sou o terceiro de oito irmãos –, e estou convencido de que a devo aos meus pais, em grande parte. Este ano fizeram 50 anos de casados. Por outro lado, pensei muito na grande necessidade que a Igreja tem de padres.

**Na sua opinião, e tendo em conta a sua experiência docente, quais são as expectativas dos jovens de hoje?**

Querem modelos, gente verdadeira. Querem coerência, compreensão. Respeitam as pessoas de costumes limpos, publica e privadamente. Que grande admiração tenho pelos que se dedicam sinceramente ao ensino. Tenho saudades dos meus colegas professores, dos meus alunos, das famílias. Mas “valores mais altos se levantaram”...

**Viveu quatro anos em Roma, em preparação para o sacerdócio. Que**

**significado teve para si essa experiência?**

Roma relaciona-nos com o mundo todo, com todas as raças e povos. Julgo que no nosso país nos habituaram a isto, porque Portugal está em todo o mundo. Quando cheguei aqui, em Outubro de 2000, trazia no coração as recordações de 13 de Maio de 2000 em Fátima onde estive com tantos portugueses para a beatificação dos pastorinhos. Roma e Fátima dão a impressão de que respiram a universalidade da alegria e da confiança em Deus.

**É licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas e, em Roma, realizou estudos bíblicos. Parece-lhe importante o latim para um cristão?**

Não é só o latim que é importante. Pude estudar também hebraico, aramaico e árabe, línguas que me meteram mentalmente no mundo

semita, um mundo riquíssimo. Aprendi a rezar as orações cristãs em hebraico e árabe. Estudei a TANAK judaica e o Al-Quran. De início, interessei-me por simples motivos literários e linguísticos – tal como me tinha acontecido com o latim e o grego. Só depois veio a Sagrada Escritura.

Parece-lhe, então, que a Sagrada Escritura deve ter lugar na vida do cristão?

Um lugar principal e quotidiano. Vemos o Deus e Homem que diz coisas divinas com palavras humanas, como se fosse um de nós. Agora digo-o mais convencido, depois de me familiarizar com a Bíblia hebraica. Foi nessa língua que Deus falou ao seu povo eleito e predilecto, e foi nessa língua – também no aramaico – que Jesus Cristo leu e rezou a Escritura. A

Bíblia é um livro muito nosso,  
humano.

O diálogo inter-religioso que o Papa  
promove deve dizer-lhe muito.

Imagino que nos diz muito a todos.  
Tal como a questão da paz no Médio  
Oriente. Como é que um cristão não  
há-de amar Israel? Como não se há-  
de comover com Jerusalém, a Cidade  
Santa? Também gosto de rezar por  
todos aqueles que crêem num só  
Deus, em Allah. “Allah Mhaba” – uma  
frase que pudemos ler no pórtico do  
Grande Jubileu que foi colocado em  
Fátima: “Deus caritas est!” (Deus é  
amor).